

FRANCISCA ISABEL SCHURIG VIEIRA KELLER

1935 — 1981

Francisca Isabel Schurig Vieira Keller foi uma antropóloga entusiasmada com sua profissão. Serena e equilibrada, profissional lúcida que era, conseguiu levar adiante seus projetos de pesquisa e suas atividades docentes e administrativas, nos últimos anos quase como um desafio à morte. Embora seus colegas e amigos mais chegados, do Museu Nacional, soubessem da gravidade da sua doença, foram surpreendidos com seu falecimento a 25 de dezembro de 1981.

Sua discrição e sua enorme vontade de viver, escorada por uma capacidade de trabalho constante durante todo o período em que esteve doente, a manteve presente mesmo na ausência. A doença não a impediu de continuar suas pesquisas e orientar seus alunos. A última dissertação de mestrado que orientou foi defendida poucas semanas antes de sua morte, e certamente seu autor, Luis Roberto Cardoso de Oliveira, ficou tão chocado como todo nós. Da mesma forma, só deixou a coordenação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social — cargo que exerceu de agosto de 1980 a maio de 1981 — quando seu estado de saúde se agravou inexoravelmente.

Francisca nasceu em São Paulo, 20 de fevereiro de 1935. Graduou-se em Geografia e História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Sedes Sapientiae” da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 1957. Obteve o grau de Mestre em Antropologia Social no *King's College, University of Durham (Newcastle, Inglaterra)*, em 1962. Completou seu Doutorado em Ciências (Antropologia), com orientação do Professor Florestan Fernandes, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em 1967.

Iniciou sua carreira docente na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 1960, e a partir de 1963 foi contratada como professora da cadeira de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, São Paulo, onde permaneceu até 1968. Mas a maior parte da sua vida profissional — como pesquisadora e professora de Antropologia Social — realizou-se no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, que ajudou a fundar e consolidar como instituição modelo de pós-graduação. Veio para o Museu Nacional, em 1968, a convite do Professor Roberto Cardoso de Oliveira, então chefe do Departamento de Antropologia, para integrar o grupo de antropólogos que constituiu o primeiro corpo docente do PPGAS. No âmbito do ensino de Antropologia a nível de pós-graduação sua contribuição foi valiosa. Foi responsável por várias disciplinas, especialmente “Minorias Nacionais”, “Estudos Regionais e de Comunidade” e “Métodos de Análise

em Antropologia Social”. Orientou diversas dissertações de mestrado e participou de inúmeras bancas examinadoras, dando sua contribuição crítica sempre com a seriedade e a meticulosidade que lhe eram peculiares.

Seus interesses e sua contribuição à pesquisa antropológica foram bastante diversificados nesses quase vinte anos de carreira, mas seu trabalho mais conhecido é um estudo sobre o grupo étnico japonês na região de Marília (*O Japonês na Frente de Expansão Paulista*, São Paulo, Livraria Pioneira/Editora da USP, 1973) — cuja primeira versão foi sua tese de doutoramento, com o título “A absorção do japonês em Marília”. Boa parte dos artigos que publicou refere-se a esta problemática étnica. Fez pesquisas de campo com o grupo japonês nos Estados de São Paulo e Mato Grosso. Sem abandonar essa área maior de seu interesse, que são os grupos minoritários, participou da pesquisa “Estudo Comparativo do Desenvolvimento Regional”, no Brasil centro-oeste, iniciada em 1969, na qual colaboraram professores e alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional. Foi responsável pelo *survey* preliminar desse projeto, cujo objetivo principal era o treinamento de alunos pós-graduados na pesquisa de campo. A partir daí, aumentou seu interesse por essa área, especialmente Maranhão e sul do Pará, onde desenvolveu os projetos “A emergência de novas formações sociais no Tocantins Maranhense” e “Empreendimentos Agro-Pecuários no Sul do Pará e Norte de Mato Grosso”. Os resultados dessas pesquisas permanecem, em parte, inéditos — contidos em relatórios e artigos que não chegou a publicar. Seus artigos “O homem na Frente de Expansão: permanência, mudança e conflito” (*Revista de História* nº 102, 1975), e “Carmosa e seu vaqueiro: um caso familiar no sertão”, (*Anuário Antropológico/76*, Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro, 1977) são uma mostra exemplar da sua sensibilidade e capacidade de observação.

Nos últimos anos dedicou-se mais ao tema “Frentes de Expansão”, tanto no que se refere à pesquisa como ao ensino, mas sem ter condições de saúde para retomar o trabalho de campo iniciado em 1970 e 1973. Não abandonou, porém, os estudos étnicos, tendo, inclusive, organizado coletânea de trabalhos sobre diversos grupos minoritários no Brasil, quase todos de ex-alunos, que não chegou a editar. Com otimismo e muita vontade, apresentou ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social novo projeto de pesquisa no segundo semestre de 1981, em linha de trabalho inteiramente diferente, intitulado “Ideologia de parentesco visualizada por crianças de 4 a 10 anos”, cujo objetivo era a análise do sistema de parentesco em dada camada da sociedade brasileira e o estudo da socialização de determinado grupo de crianças. A morte veio interromper a trajetória acadêmica de uma pessoa que havia chegado ao máximo da sua maturidade intelectual, como atestam os resultados das pesquisas que realizou e o seu profícuo desempenho como professora de um programa de pós-graduação ao qual deu contribuição singular e insubstituível.

Giralda Seyferth
Museu Nacional — UFRJ